

LEGADO

da arquiteta da preservação

» VITÓRIA TORRES
» LUIZ FELLIPE ALVES

Morreu, ontem, aos 91 anos, Maria Elisa Costa, arquiteta e urbanista e filha de Lucio Costa. O pai foi responsável pelo projeto urbanístico que deu origem a Brasília. Nascida no Rio de Janeiro, em 1934, Maia Elisa seguiu os passos profissionais paternos, mas construiu uma trajetória própria na arquitetura, no urbanismo e na preservação do patrimônio histórico. Ela deixa a filha, Julieta Costa, e as netas Clara, Julia e Sofia, e os bisnetos Benjamin e Zoe. Informações sobre o velório ainda não foram divulgadas até o fechamento desta edição.

Ao **Correio**, Julieta contou que a mãe faleceu em casa, de mãos dadas com ela, enquanto cantava uma música para confortá-la. Ao mencionar a história de Maria Elisa, ela diz que a Maria Elisa protegeu Brasília com unhas e dentes durante toda a vida. “Defendeu o Plano Piloto com garra, coragem e energia. A cidade ficou órfã”. Como mãe e avó, Maria Elisa liderava a família. “Nós somos uma espécie de matriarcado. Meu pai morreu muito cedo. Foi uma mãe maravilhosa”, ressaltou emocionada.

Segundo o jornalista e ex-secretário de Cultura do DF Silvestre Gorgulho, foi Maria Elisa quem entrou no prédio para protocolar o projeto urbanístico do pai.

“São muitos os motivos para lembrar e homenagear ela. Primeiro porque viveu Brasília desde a placenta. Ela que entregou o projeto urbanístico do Plano Piloto, dia 11 de março de 1957, no Ministério da Educação e Saúde (MEC) para participar do concurso. Foi com seu pai, que ficou no carro esperando que ela trouxesse o protocolo de entrega”, afirmou Gorgulho.

“Admiro ela por ser, evidentemente, filha do inventor de Brasília, por ser arquiteta e ter sempre acompanhado profissionalmente a construção e o desenvolvimento da nova capital”, completou.

Para Silvestre Gorgulho, Maria Elisa foi, até o fim, uma “Guardiã da ‘Casa Lucio Costa’” e uma “defensora incondicional do projeto do Plano Piloto elaborado pelo pai”, ressaltou o jornalista, completando: “É exemplo de cordialidade, de respeito e símbolo de amor a Brasília. A realidade pode ter sido dura, mas os sonhos e as esperanças fazem da realidade uma doce lembrança. Obrigado, Maria Elisa. Brasília chora sua passagem, mas agradece sua história”.

A governadora do DF, Celina Leão, decretou três dias de luto pela morte da arquiteta. A governadora destacou a contribuição decisiva para a manutenção das diretrizes que tornaram a cidade um bem protegido mundialmente. “Maria Elisa Costa é um ícone

Maria Elisa Costa, morreu ontem, aos 91 anos. Filha do arquiteto e urbanista Lucio Costa, seguiu a carreira do pai, mas construiu uma trajetória dedicada a proteger o patrimônio da capital e da humanidade

Iano Andrade/CB/D.A Press



Arquiteta escreveu o livro *Inventor de Brasília*, Lucio Costa

CarlosFreire/Divulgacao



Lucio Costa em momento família com a filha Maria Elisa

e um símbolo de Brasília. Deixa um enorme legado para a preservação de nossa identidade arquitetônica e a luta pela preservação de Brasília como patrimônio cultural da humanidade. Minha solidariedade aos familiares e amigos de Maria Elisa”, declarou.

Rodrigo Rollemberg contou ao **Cor-**

reio que recebeu a notícia da morte da tia com muita tristeza. “Ela era uma pessoa apaixonada por Brasília. Guardiã da obra de Lucio Costa, seu pai”, disse. O falecido marido de Maria Elisa, Eduardo Sobral, era irmão da mãe do ex-governador, Teresa Rollemberg. “Comento com a filha dela que a

Paula Rafiza/Esp.CB/D.A Press



Maria Elisa na redação do **Correio Braziliense**, em 2014

Carlos Vieira/CB/D.A Press



Ela também visitou o **Correio**, quando presidia o Iphan

chamava de tia, devido à consideração. Muito triste pela partida, mas agradecido por tudo que ela fez por nós”.

A presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-DF), Luiza Coelho, pesquisa há cerca de dez anos mulheres arquitetas de todo o Brasil. Ela conta que “é impossível não esbarrar no nome de Maria Elisa” durante os estudos.

O arquiteto Thiago Andrade, conviveu com Maria Elisa quando ela presidia o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), em 2003. Ele comentou que ela possuía o seu próprio brilho, tendo assinado importantes construções na capital. “Ela desenhou várias partes da cidade, como o conjunto do Conic e o Setor de Autarquias Norte”.

Em 2015, Maria Elisa foi entrevistada pelo **Correio Braziliense**. Na ocasião, despediu-se dizendo que, com a posse do “crachá do Lucio”, sentia-se muitíssimo à vontade para criticar quem quer que seja em nome da preservação da capital.

Perfil

Maria Elisa formou-se em arquitetura em 1958, pela Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). No ano seguinte, passou a integrar a Divisão

de Urbanismo do Departamento de Urbanismo e Arquitetura da Novacap, onde trabalhou sob a direção do próprio pai, Lúcio Costa, e de Augusto Guimarães Filho.

A relação com Brasília permaneceu ao longo de sua carreira. Entre 1986 e 1987, Maria Elisa foi assessora do secretário de Viação e Obras do Governo do Distrito Federal. Também integrou o Conselho de Arquitetura, Urbanismo e Meio Ambiente (Cauma), entre 1986 e 1992, e o Conselho Técnico de Preservação de Brasília (CTPB), entre 1999 e 2001.

Maria Elisa integrou também a Comissão Especial de Brasília do Departamento de Proteção do Iphan, entre 1996 e 1998. Em 2003 e 2004, presidiu o próprio Iphan.

Entre as contribuições documentadas pela arquiteta estão a fonte da Torre de TV e a Praça dos Pedestres, na Plataforma da Rodoviária do Plano Piloto, locais que passaram a fazer parte da rotina de milhares de brasilienses.

Em 2014, Maria Elisa lançou um livro que conta hábitos do pai e episódios da inauguração de Brasília, intitulado como “Lúcio Costa, inventor de Brasília. Em entrevista ao jornal na época, ela resumiu o pai: “O homem mais livre que conheci na minha vida. Tinha clareza em relação aos limites, o pé no chão, mas fez voos altos. Característica ideal para fazer Brasília”.



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

A beleza roubada

Eu contei a uma colega de redação a epifania que tive com o ipê-amarelo de uns sete a oito metros no condomínio onde moro, que parecia soltar uma chuva surreal de pétalas, lentamente e suavemente. Mas claro que todo brasiliense tem a sua. Então, ela me mostrou fotos da copa amarela de uma árvore frondosa, vistas do apartamento no quinto andar, da 115 Norte, que proporcionava um êxtase diário. Bastava ir à janela ter um enlevo. Entre outras funcionalidades, Lucio Costa desenhava a cidade, premeditadamente, para a contemplação.

No entanto, ao chegar à redação, ontem, deparei-me com uma imagem chocante: a árvore foi, sumariamente, cortada por uma equipe de empresa terceirizada pela Novacap, que não conseguiu dar a menor justificava para a ação. Não havia um responsável técnico no local, tampouco ordem de serviço, laudo, nota técnica, relatório de vistoria ou qualquer outro documento que demonstrasse a necessidade da supressão da árvore.

Um morador fez uma representação dirigida à Promotoria de Justiça de Defesa do Meio Ambiente e do Patrimônio Cultural, solicitando apuração dos estranhos acontecimentos, apontando essas irregularidades. Além disso, ressaltou que os ipês integram as espécies tombadas como Patrimônio Ecológico-Urbanístico do Distrito Federal. Não podem ser eliminadas sem

obedecer aos procedimentos exigidos pela legislação distrital.

Todas as árvores da quadra têm placa de identificação e são monitoradas por um morador que é funcionário da Embrapa. É um detalhe revelador do cuidado e da relação afetiva da comunidade com as plantas. O técnico tirou fotos do tronco e elas mostram que não existiam quaisquer sinais externos de risco de queda, morte ou doença na árvore. Em uma rápida mirada, é possível perceber que ela estava completamente saudável.

Os moradores da 115 Norte aproveitam muito bem as qualidades do projeto urbanístico de Lucio Costa. Cultivam uma pequena horta comunitária e colhem verduras frescas embaixo. Todas as sextas-feiras, passa um food-truck, que atrai as famílias para baixo do bloco para saborear petiscos

e para conversar. O conjunto denso de árvores atrai uma variedade de pássaros, inclusive araras-azuis.

Meu sogro, o doutor Guarany Cabral de Lavor, sertanejo bravo de Itapipoca, no Ceará, exerceu, durante décadas, a função de chefe do Departamento de Erradicação e Podas da Novacap. Em razão do cuidado e desvelo com o meio ambiente, ele ganhou um apelido contraditório com a sua função: Pai das árvores.

Porém, com o realismo bruto de cearense, ele não titubeava em recomendar a derrubada de uma árvore quando ela representava perigo real para a vida dos moradores. Mas ele só chegava a essa decisão drástica depois de uma análise criteriosa, segundo rezava a lei.

Um ipê-amarelo demora de três a cinco anos para se desenvolver e para dar flores. Em poucos minutos, o trabalho paciente

da natureza é destruído pela motosserra. A árvore abatida foi recebida como uma violência inexplicável pelos moradores da 115 Norte. Essas imagens causam a indignação.

Em matéria do **Correio**, a Terracap afirma que havia risco de queda da árvore, avaliação contestada pela prefeita da 115 Norte, Vera Coradin, que é botânica. Para ela, a árvore estava saudável. Se existe essa controvérsia seria preciso uma avaliação mais rigorosa com outros pesquisadores. Isso não pode se repetir. Espero que esse episódio sirva ao menos para educar os administradores sobre as árvores e sobre a relação dos moradores com elas. No mínimo, houve um problema de comunicação com a comunidade. Os moradores da 115 Norte sentiram que a beleza lhes foi roubada.